



Paul Miller

O PODER DE UMA VIDA DE ORAÇÃO

Como viver em
comunhão com
Deus em um
mundo caótico


VIDA NOVA



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO	13
1. “O que vai adiantar orar?”	15
2. Aonde queremos chegar	21
PARTE 1: APRENDENDO A ORAR COMO CRIANÇA	
3. Torne-se como uma criança.....	31
4. Aprenda a conversar com o Pai.....	39
5. Passe tempo com o Pai	45
6. Aprenda a ser dependente	54
7. Clame “Aba, Pai”, sem cessar.....	64
8. Curve seu coração diante do Pai.....	71
PARTE 2: APRENDENDO A CONFIAR NOVAMENTE	
9. Entenda o ceticismo.....	79
10. Siga a Jesus e deixe para trás o ceticismo.....	86
11. Procure desenvolver a capacidade de ver a presença de Jesus	99

PARTE 3: APRENDENDO A PEDIR AO PAI

12. Por que é tão difícil pedir?	107
13. Por que podemos pedir?	117
14. O quanto Deus é pessoal?	123
15. O que fazer com as exuberantes promessas de Cristo sobre a oração?.....	136
16. Algo que não pedimos a Deus: “O pão nosso de cada dia”	148
17. Algo que não pedimos a Deus: “Venha o teu reino”	155
18. Entrega total: “Seja feita a tua vontade”	162

PARTE 4: PARTICIPANDO DA HISTÓRIA DO PAI

19. Observando o desenrolar da história	173
20. Amor de pai.....	182
21. Oração não respondida: Entenda os contornos da história.....	189
22. Como Deus se apresenta na história.....	199
23. Orar sem ter uma história	205
24. Esperança: o fim da história	215
25. Viva histórias do evangelho	222

PARTE 5: ORANDO NA VIDA REAL

26. Ferramentas de oração.....	233
27. Acompanhando a história: Fichas de oração	237
28. Exercitando a oração	246
29. Ouvindo a voz de Deus.....	251
30. Diário de oração: Torne-se consciente da jornada interior.....	262
31. Orando na vida real	271
32. Histórias inacabadas.....	277

AGRADECIMENTOS FINAIS	283
-----------------------------	-----



PREFÁCIO

ORAR É DIFÍCIL. Para muitos de nós já não é nada fácil pedir a um amigo de confiança algo de que precisamos de verdade. Porém, quando o pedido recebe o nome de “oração” e esse amigo se chama “Deus”, as coisas se complicam ainda mais. Quem já não teve de suportar aquelas orações pomposas, com frases feitas, repetições descabidas, pedidos vagos, um tom piedoso de voz e uma certa confusão no ar? Seus parentes e amigos com certeza achariam que você perdeu o juízo se falasse desse jeito com eles! Mas é bem provável que já tenha falado assim com Deus alguma vez. Por certo também conhece pessoas que tratam a oração como um pé de coelho para afastar o azar e trazer boa sorte. Ou conhece pessoas que se sentem culpadas por não orarem tanto quanto se convencionou como padrão. Talvez você mesmo seja uma dessas pessoas.

E quanto à oração propriamente falando, temos a tendência de transformá-la em obrigação e problema. Obrigações e problemas que, por sinal, já fazem parte da vida. Passamos e repassamos nossa lista de coisas a fazer, e revivemos, dia após dia, as mesmas ansiedades, preocupações, pressões, prazeres e irritações.

Mas em meio a isso tudo, Deus se torna uma presença distante: ele está lá, em algum lugar, algumas vezes.

E de algum modo quase sempre oração e vida, essas duas coisas tão problemáticas, e o Senhor do céu e da terra nunca entram em sintonia.

No entanto, a finalidade da oração não é ser nem obrigação nem problema. E Deus, por sua vez, está presente sim, aqui e agora. A finalidade da oração é ser um diálogo onde a vida e Deus se encontram. Paul Miller entende bem isso e o objetivo desta obra é ajudar o leitor a colocar em prática esse entendimento.

Por incrível que pareça, a vida de oração é um jeito estranhamente normal de viver. O máximo que o mundo tem a oferecer é ensinar você a *falar consigo mesmo*. “Mude seu discurso”, dizem por aí, “e sua perspectiva sobre os acontecimentos mudará. Mude o que diz a si mesmo, e a opinião que tem de si mesmo mudará. Convença-se a não ficar chateado com aquilo que não pode mudar. Faça algo construtivo a respeito daquilo que pode mudar”. E isso é tudo o que mundo tem a oferecer. Muito embora seja um jeito comum de viver, também é anormal.

Jesus, porém, vive e ensina algo bem diferente. O que ele faz — e ajuda você a fazer — é algo pouco comum, porém absolutamente normal. É humano e humanizador: assim como a vida deve ser. Jesus ensina você a *parar* de falar consigo mesmo. Mostra como *parar* de transformar a oração em uma obrigação. Ele o ensina a falar com o Pai — “meu Pai e vosso Pai” (Jo 20.17), como explicou a Maria Madalena. Ele nos ensina a conversar com Deus, aquele que governa o mundo e que, por livre e espontânea vontade, resolveu dedicar sua atenção aos interesses que tocam nosso coração.

Conversar sobre a vida com esse Deus sempre presente é o tipo de diálogo que merece ser chamado “oração”. A Bíblia dá centenas de exemplos desses diálogos, e Paul Miller chama atenção para eles. As orações da Bíblia têm a ver com a vida cotidiana e com um Deus real. Levam problemas genuínos e necessidades reais a um Deus que ouve

de verdade. Essas orações nunca se parecem com uma obrigação. Elas soam e parecem autênticas porque de fato *são* autênticas.

Paul Miller mostra como pensa, fala, sente e age alguém que vive em verdadeira comunhão com Deus. Miller nos revela a intimidade de sua vida familiar e de sua vida de oração. E ao observar como a vida e Deus estão entrelaçados, você descobrirá a alegria que é ser filho de Deus, e viverá a aventura de caminhar junto de seu Pai e bom Pastor.

Esta obra certamente trará uma realidade vibrante e cheia de vida a suas orações. Portanto, dedique a ela toda sua atenção.

David Powlison, MDiv, PhD



INTRODUÇÃO

MINHA INTENÇÃO NÃO era escrever um livro sobre oração. Simplesmente descobri que havia aprendido a orar. As mudanças inesperadas da vida abriram em meu coração um caminho para Deus. E ele me ensinou a orar por intermédio do sofrimento.

No final da década de 1990 fui convidado a substituir no púlpito, durante um mês, um pastor que saíria de férias. Aceitei o convite, e em uma bela tarde coloquei no papel o que havia aprendido sobre oração. Aquelas anotações se transformaram no seminário sobre oração que eu e meu amigo Bob Allums já apresentamos mais de sessenta vezes. Os resultados têm sido de arrepiar! O seminário toca em um ponto nevrálgico na vida dos participantes.

Achei que o seminário fosse suficiente, e que ninguém precisaria de outro livro sobre o assunto. Além disso, eu vivia muito ocupado. Porém, meu amigo David Powlison e minha esposa, Jill, me incentivaram a escrever um livro, e a presidente da diretoria da minha Missão, Lynette Hull, sugeriu que eu começasse meu dia escrevendo. E foi assim que escrevi este livro. Eu o escrevi para os cristãos, para os que enfrentam lutas na vida, para os que não sabem orar direito, mas anseiam em se comunicar com o Pai celeste.

O livro começa com um capítulo sobre nossas frustrações com a oração, e outro que mostra aonde queremos chegar. Na Parte 1, “Aprendendo a orar como criança”, analisaremos os princípios de nosso relacionamento com o Pai celestial como se fôssemos uma criança. Na Parte 2, “Aprendendo a confiar novamente”, iremos mais fundo e examinaremos alguns hábitos de adultos que podem deixar nosso coração insensível à oração e nos impedir de mergulhar na vida do Pai. Na Parte 3, “Aprendendo a pedir ao Pai”, examinaremos algumas barreiras — construídas pela cultura atual — aos pedidos que fazemos em oração. Na Parte 4, “Participando da história do Pai”, entrelaça tudo isso. Quando temos uma vida de oração, ficamos mais conscientes e participamos da história que Deus está escrevendo em nossas vidas. A última parte, “Orando na vida real”, propõe algumas ferramentas e formas simples de oração que já ensinaram muitas pessoas a orar. Ao examinarmos essas ferramentas, conheceremos mais a fundo nosso coração e como Deus tece histórias em nossa vida.

Essa é basicamente a estrutura do livro. O conteúdo é recheado com as histórias que relato sobre minha família. Não são histórias melodramáticas; são histórias que contam a essência de como sobreviver e florescer num mundo de estresse e decepções. Ao acompanhar essas histórias, desejo que o leitor possa sentir a presença de Jesus.

Certa vez, o apóstolo Paulo, falando sobre como funciona o ministério verdadeiro, disse: “Pois, assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2Co 1.5). Minha oração é que, por meio deste livro, meu sofrimento relativamente leve transborde sobre sua vida como um consolo, libertando-o para que possa tocar o coração de Deus.

“O QUE VAI ADIANSTAR ORAR?”

CERTO FIM DE SEMANA, eu e cinco dos meus seis filhos fomos acampar nas montanhas do estado da Pensilvânia. Minha esposa, Jill, e nossa filha Kim, de oito anos, não foram conosco. Após uma desastrosa experiência ocorrida nas férias anteriores, Jill, de bom grado, decidiu ficar em casa. Ela disse que havia desistido da ideia de acampar na Quaresma.

Pois bem, eu caminhava do acampamento para o nosso carro, quando notei minha filha Ashley, de catorze anos, muito tensa e agitada em frente da *van*. Perguntei qual era o problema, e ela respondeu: “Perdi uma das lentes de contato. Perdi mesmo”. Eu e Ashley olhamos para o chão coberto de grama, folhas e gravetos. Havia milhões de pequenas fendas por onde a lente poderia ter desaparecido.

“Ashley, não se mova. Vamos orar”, propus. Mas antes que eu começasse, a menina caiu no choro. “O que vai adiantar orar? Orei para que a Kim falasse, mas ela continua muda”.

Minha filha Kim lutava com autismo e problemas de atraso do desenvolvimento neuropsicomotor. Em virtude da coordenação motora deficiente e dos problemas na área de planejamento motor, ou seja, em sua habilidade de planejar e executar de forma organizada uma

sequência de movimentos, Kim também era muda. Certo dia, após cinco anos de fonoaudiologia, Kim se arrastou aos prantos para fora do consultório da terapeuta, em total frustração. E Jill tomou uma decisão: “Chega”, e nós paramos com a terapia.

Entendi que, para Ashley, oração não era uma simples formalidade. Ela havia levado Deus a sério e pedido que ele curasse a irmã. Mas nada acontecera. A mudez de Kim apontava para um Deus silencioso. Pelo jeito, não adiantava orar.

Eu me peguei perguntando: A oração faz alguma diferença? Será que Deus chega a nos ouvir?

Poucos têm a coragem que Ashley teve de colocar em palavras a descrença silenciosa ou a fadiga espiritual que se instala dentro de nós, quando uma oração fervorosa não é respondida. Escondemos a dúvida até de nós mesmos, pois não queremos parecer maus crentes. Não temos motivo que justifique a atitude de acrescentarmos a vergonha à nossa incredulidade. Assim, nossos corações se trancam.

O modo leviano como as pessoas se referem à oração muitas vezes intensifica nossa descrença. Terminamos nossos bate-papos dizendo: “Vou orar por você”. Temos alguns “jargões de oração”, tais como, “*Continuarei orando por você*” e “*Lembrarei de você em minhas orações*”. Muitas pessoas que usam essas frases, inclusive nós mesmos, nunca oram. Por quê? Porque achamos que a oração não faz muita diferença.

Mas dúvida e leviandade é apenas parte do problema. A frustração mais comum está no próprio ato de orar. Tentamos nos concentrar por cerca de quinze segundos e, então, a lista das tarefas diárias surge do nada e nossa mente “muda de estação”. Percebemos nossa distração e, reunindo todas as forças, voltamos a orar. Mas quando menos esperamos, lá vamos nós de novo. Em vez de orar, nós nos vemos envolvidos num misto de devaneio e preocupação. E a culpa se instala. *Tem alguma*

coisa errada comigo. Parece que os outros crentes oram sem problema nenhum. Depois de cinco minutos, simplesmente desistimos de orar: “Não sou bom nisso. O melhor mesmo é ir trabalhar”.

De fato, *há* algo de errado conosco. O desejo natural de orar vem da Criação. Fomos feitos à imagem de Deus. Nossa incapacidade de orar vem da Queda. O pecado arruinou a imagem de Deus em nós. Desejamos conversar com Deus, mas não conseguimos. O conflito entre nosso desejo natural de orar e nossa “antena de oração” completamente danificada pela Queda resulta em constante frustração. É como se tivéssemos sofrido um derrame.

Para complicar mais um pouco, existe uma enorme confusão sobre o que vem a ser uma boa oração. Temos a vaga sensação de que deveríamos começar a oração nos concentrando em Deus, e não em nós mesmos. Assim, começamos a orar com uma tentativa de adoração. Isso funciona por um minuto, mas parece artificial, e a culpa se instala de novo. *Será que adorei o suficiente? Foi de todo o coração?* E assim ficamos a nos perguntar.

Em um ataque de entusiasmo espiritual, decidimos fazer uma lista de oração, mas orar seguindo essa lista acaba sendo um tédio, e parece que não vemos resultados. A lista se torna longa e pesada; alguns pedidos acabam caindo no esquecimento. Orar se parece com falar ao vento. Quando alguém é curado ou atendido, imaginamos se isso não teria acontecido de qualquer maneira. E aí, deixamos a lista de lado.

A oração expõe o quanto nossas preocupações estão voltadas para nós mesmos e traz à tona nossas dúvidas. *Não* orar facilitaria nossa fé. Nossa oração vacila depois de apenas alguns minutos. Mal começamos a correr, e já desmaiamos à beira do caminho — descrentes, cheios de culpa e sem esperança.

O lugar mais difícil do mundo para orar

É provável que a sociedade em que vivemos seja o lugar mais difícil do mundo para se aprender a orar. Vivemos tão ocupados que, quando

paramos para orar, ficamos pouco à vontade. Valorizamos muito a atitude de fazer, realizar coisas. Orar, porém, nada mais é do que falar com Deus. Parece futilidade, perda de tempo, pois cada músculo do nosso corpo clama: “Vá trabalhar”.

Quando não estamos trabalhando, estamos nos divertindo. A televisão, a Internet, os videogames e o telefone celular ocupam as horas de folga tanto quanto o trabalho. Quando diminuimos o ritmo, caímos na apatia. Esgotados pela correria, ficamos largados em frente da televisão ou nos isolamos com nossos fones de ouvido.

Se tentamos nos aquietar, somos atacados pelo que C. S. Lewis chamou de “o Reino da Barulheira”.¹ Ouvimos barulho por todos os cantos. Se não fazem barulho à nossa volta, carregamos conosco nosso próprio barulho em um iPod.

Até os cultos das igrejas chegam a sofrer dessa mesma agitação incansável. Há pouca chance de ficarmos em quietude na presença de Deus. Desejamos tudo a que temos direito e, com isso, as coisas precisam estar sempre acontecendo. O silêncio é algo que nos incomoda.

Um dos obstáculos mais sutis à oração é provavelmente o mais comum. Na sociedade em geral e também na igreja, valorizamos o preparo intelectual, a competência e a riqueza. Como achamos que podemos viver sem Deus, orar é considerado algo bom, mas desnecessário. O dinheiro consegue o mesmo que a oração, só que de modo mais rápido e em menos tempo. A confiança que temos em nós mesmos e em nossas habilidades nos torna essencialmente independentes de Deus. O resultado disso é que exortar as pessoas a orar é algo que não surte muito efeito.

Orar é estranho

A coisa piora um pouco se pararmos para pensar o quanto é estranho orar. Quando conversamos ao telefone, ouvimos a voz de alguém e

¹ C. S. Lewis, *The Screwtape Letters*. Nova Iorque: HarperCollins, 2001, p. 171. [Publicado em português pela Editora Vida sob o título *Cartas do inferno*].

podemos responder a essa pessoa. Quando oramos, falamos com o vento. Só malucos falam sozinhos. Como é que vamos conversar com um Espírito, com alguém que não fala em voz audível?

E se acreditamos que Deus fala conosco em oração, como diferenciamos nossos pensamentos dos pensamentos dele? Orar é algo confuso. Sabemos, por alto, que o Espírito Santo está envolvido nisso de certa forma, porém não temos certeza de como e quando ele irá surgir e nem o que isso significa. Temos a impressão de que algumas pessoas são cheias do Espírito. Mas não nós.

Mas vamos deixar Deus de lado por um minuto. E quanto a você, onde se encaixa nesse esquema todo? Você pode orar pelo que deseja receber? E por que precisa orar, se Deus já conhece suas necessidades? Para que entediá-lo? Parece amolação. Só de pensar em orar já sentimos um nó no estômago.

Será que essa tem sido a sua experiência em termos de oração? Se tem, saiba que você não está sozinho. Em geral, os crentes se sentem frustrados quando o assunto é oração!

Consulta a um terapeuta de oração

Imagine que você pudesse consultar um terapeuta para colocar sua vida de oração em ordem. E ele propõe: “Vamos começar por seu relacionamento com o Pai celeste. Deus disse: ‘Serei para vós Pai, e sereis para mim filhos e filhas’ (2Co 6.18). Para você, o que significa ser filho ou filha de Deus?”

Você responde que é ter completo acesso ao Pai por meio de Jesus. Diz que sua intimidade com ele é verdadeira não porque você seja bom, mas porque Jesus é bom. Além disso, Jesus é seu irmão e você é herdeiro juntamente com ele.

O terapeuta sorri e diz: “Corretíssimo. Você descreveu perfeitamente a *doutrina* da filiação. Agora me diga como é *estar com* seu Pai. Como é *conversar* com ele?”

Com muita cautela você explica como é difícil estar na presença do Pai, mesmo que por poucos instantes. Sua mente divaga. Você não

sabe o que dizer. *Será que a oração faz mesmo alguma diferença? Será que Deus me ouve de verdade?* Você se sente culpado por ter dúvidas, e simplesmente desiste.

O terapeuta revela o que você já sabe. “Seu relacionamento com o Pai não é normal. Você fala como se fosse íntimo dele, mas não é. Teoricamente tem um relacionamento próximo. Na prática, porém, são distantes um do outro. Você precisa de ajuda”.

A lente de contato de Ashley

Eu precisei de ajuda quando Ashley desabou a chorar em frente ao carro. Fiquei sem ação, aprisionado pelas dúvidas da menina e por minhas próprias dúvidas. Nunca imaginei que Ashley estivesse orando para que a Kim falasse. O que tornou seu choro mais desconcertante foi o fato de que ela estava certa. Deus não havia respondido às suas orações. Kim continuava muda. Temi pela fé da minha filha e pela minha própria. Não sabia o que fazer.

Será que a situação ficaria pior se eu orasse? Se orássemos e a lente não aparecesse, a descrença de Ashley aumentaria. Eu mesmo e minha esposa já estávamos começando a ficar desanimados. A fé inocente que Ashley tinha em Deus estava sendo substituída pela fé nos rapazes. Minha filha era bonita, carinhosa e extrovertida. Jill estava tendo dificuldades em se lembrar da lista de nomes dos namorados da Ashley, então passou a se referir a eles como aos reis de antigamente. O primeiro namorado foi o Frank, seu sucessor foi o Frank II, depois veio o Frank III, e assim por diante. Estava claro que nós precisávamos de ajuda.

Duvidei que Deus fosse fazer alguma coisa, mas orei em silêncio: “*Pai, esta é uma excelente oportunidade de o Senhor agir. O Senhor tem de atender esta oração, para o bem da Ashley.*” Depois orei em voz alta, junto com a menina: “*Pai, nos ajude achar a lente de contato*”.

Tão logo eu terminei de orar, agachei e procurei entre a sujeira e os gravetos. E vi, em cima de uma folha, a lente perdida.

No final, orar fez toda diferença.

“A oração não nos prepara para as grandes obras; Ela é a maior de todas as obras.
Charles Spurgeon”

Este livro esplêndido nos convida a viver uma vida de oração, “a maior de todas as obras”. As histórias comoventes que Paul Miller compartilha nos trazem de volta a alegria de viver na presença do Senhor.

O autor ensina a nos aproximarmos de Deus em oração como uma criança, com o coração confiante e inocente, em busca da proteção, do consolo e da direção que só encontramos nos braços do Pai. Ele também fornece sugestões práticas de como resgatar a intimidade e o poder da vida de oração.

Muitas pessoas lutam contra a frustração de não conseguir ter a vida de oração que gostariam. E com o tempo passam a encarar a oração como uma obrigação, como um monólogo solitário, que não tem impacto em sua vida e nem sequer chega aos ouvidos de Deus.

Mas não é isso que o autor nos mostra nesta obra. Ele mostra que a vida de oração é possível, pois a finalidade da oração é ser um diálogo onde a vida e Deus se encontram. A Bíblia dá centenas de exemplos desses diálogos, e Paul Miller chama atenção para eles. As orações da Bíblia têm a ver com a vida cotidiana e com um Deus real. Levam problemas genuínos e necessidades reais a um Deus que ouve de verdade.

Nestas páginas, Paul Miller nos ensina como pensa, fala, sente e age alguém que vive em verdadeira comunhão com Deus, alguém que vive uma vida de oração.


VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0453-9


9 788527 504539